

O TEHÊY DE DONA LIÇA PATAXOOP: METODOLOGIA INDÍGENA FAZENDO PESCARIA DE CONHECIMENTOS TAMBÉM NAS UNIVERSIDADES

MARCOS JOSÉ DE AQUINO, UARA JOCIMARA E VANESSA JOSINEIDE

O TEHÊY DE DONA LIÇA PATAXOOP: METODOLOGIA INDÍGENA FAZENDO PESCARIA DE CONHECIMENTOS TAMBÉM NAS UNIVERSIDADES

DONA LIÇA PATAXOOP'S TEHÊY: INDIGENOUS METHODOLOGY FISHING FOR KNOWLEDGE ALSO IN UNIVERSITIES

MARCOS JOSÉ DE AQUINO PEREIRA¹

marcosdiaquino@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-2753-1656>

UARA JOCIMARA BRAZ DE ARAÚJO PATAXÓ²

jocipataxo@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0006-7621-8040>

VANESSA JOSINEIDE JACILDA DA SILVA ATIKUM³

vanessajacilda@gmail.com
<https://orcid.org/0009-0000-4367-3967>

Resumo

Este artigo apresenta a metodologia indígena Tehêy, desenvolvida por dona Liça Pataxó, educadora e liderança do povo Pataxó, para o ensino dos conhecimentos tradicionais na escola indígena Muã Mimatxi, que passou a ser utilizada por professores(as) em disciplinas não indígenas e foi adaptada para metodologia de pesquisa de doutorado e em trabalho de conclusão de curso por estudante indígena, conquistando território epistemológico na universidade e no

¹ Doutor em educação pela Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), mestre em Educação (Unisal), graduado e licenciado em filosofia (USJT), licenciado em história (UnB/FPSJ), pesquisador do Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indigeneza Abiyala (Naldeia), sócio-pesquisador da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidades Humanas, membro e membro do grupo de pesquisa Práticas Sociais e Processos Educativos.

² Mestranda em ciência da informação pela Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), graduada em ciência da informação e biblioteconomia (Ufscar), pesquisadora do Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indigeneza Abiyala (Naldeia), participante do Centro de Culturas Indígenas (CCI), pertencente ao povo Pataxó.

³ Licenciada em educação especial pela Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), pesquisadora do Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indigeneza Abiyala (Naldeia), participante do PET Indígena Ações em Saúde e do Centro de Culturas Indígenas (CCI), pertencente ao povo Atikum.

meio acadêmico. Temos como base teórica as pesquisadoras Txahá Pataxoop e Werymehe Pataxoop, que investigam o Tehêy em sua comunidade. Fazemos breve apresentação das origens dessa metodologia e refletimos sobre elementos, etapas e possibilidades para sua utilização em futuras pesquisas, bem como sobre o papel da sistematização, reconhecimento e difusão dos conhecimentos indígenas para enriquecimento da pesquisa acadêmica.

Palavras-chave: Metodologias indígenas. Tehêy. Presença indígena nas universidades.

Abstract

This article presents the Tehêy indigenous methodology, developed by dona Liça Pataxoop, educator and leader of the Pataxó people, for teaching traditional knowledge at the Muã Mimatxi indigenous school, which began to be used by teachers in non-indigenous subjects and was adapted for doctoral research methodology and in course completion work by an indigenous student, conquering epistemological territory at the university and in the academic world. Our theoretical basis is the researchers Txahá Pataxoop and Werymehe Pataxoop, who investigate Tehêy in their community. We make a brief presentation about the origins of this methodology and reflect on elements, steps, and possibilities for its use in future research, as well as on the role of systematization, recognition, and dissemination of indigenous knowledge to enrich academic research.

Keywords: Indigenous methodologies. Tehêy. Indigenous presence in universities.

Introdução

Os conhecimentos, epistemologias e filosofias dos povos indígenas têm sido historicamente invisibilizados, subalternizados e destruídos desde a invasão do continente Abiyala em um processo de epistemicídio que ocorre em paralelo a inúmeros genocídios. Assim como centenas de povos foram exterminados, línguas, visões de mundo e formas de viver foram perdidas – irremediavelmente.

Interpelando essa triste realidade, centenas de outros povos indígenas insistem em sobreviver e resistir, por diversas estratégias, preservando, criando e recriando suas culturas, em constante afirmação de suas identidade e ancestralidade, indicando outras possibilidades de relação com o mundo, fruto de seu bem-viver, em que “Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial” (Krenak, 2019, p. 32).

Essa suspensão do céu vem sendo realizada ao longo dos séculos de muitas maneiras, desde a luta contra os invasores no passado e na atualidade, na organização e mobilização dos movimentos indígenas, na busca por direitos, na retomada de espaços físicos e simbólicos, e, mais recentemente, nos *campi* universitários, em que estudantes indígenas vêm promovendo a presença indígena no meio acadêmico, registrando e difundindo conhecimentos ancestrais, instigando debates sobre as relações humanas com o planeta e com os demais seres vivos, desafiando a lógica antropocêntrica e eurocêntrica da modernidade-colonialidade (Dussel, 2016; Maldonado-Torres, 2007; Mignolo, 2017), ampliando os horizontes do que é científico, ao abarcar o espiritual, os sonhos, os seres vivos e a própria Terra-mãe como fontes de conhecimento (Kopenawa, Albert, 2015), em epistemologias biocêntricas (Galeano, 2008; Schavelzon, 2019) que soam como alerta diante do Antropoceno (Crutzen, 2006), no qual a humanidade insiste em se ver de forma dicotômica à natureza.

Vemos produções indígenas em vários campos, como na literatura, nas artes, no cinema e também nas pesquisas acadêmicas, que

contribuem para a ampliação e o enriquecimento desses campos, com o incremento de suas perspectivas milenarmente desenvolvidas.

Na educação, encontramos nas escolas indígenas uma diversidade de práticas educativas criadas e utilizadas para a educação diferenciada, com organização curricular, espacial e temporal específicas de cada povo, relacionadas a suas festividades e cosmologias, incluindo metodologias próprias, ligadas a suas realidades (Aquino Pereira, 2020). Muitas dessas práticas ficavam restritas às comunidades indígenas nas quais são realizadas; entretanto, com a vinda de indígenas para as universidades, elas têm se tornado seus objetos de estudo, tanto na graduação quanto na pós-graduação, como temas de trabalhos de conclusão de curso (TCC), dissertações, teses e artigos.

Se por muito tempo o meio acadêmico obteve acesso a esses conhecimentos por pesquisas conduzidas por não indígenas, temos agora a oportunidade de ouvir as vozes de pesquisadores(as) indígenas, que trazem seus olhares, de quem conhece e vivencia esses saberes e fazeres.

A metodologia educativa denominada Tehêy⁴ é exemplo disso. Criada e usada por muitos anos na escola indígena Muã Mimatxi, do povo Pataxó de Minas Gerais, pela educadora Luciene Alves dos Santos, dona Liça Pataxó, ela chega à academia por intermédio de suas filhas, Txahá e Werymehe, que a tomam como tema de seus TCCs. Txahá deu sequência a esse estudo em sua pesquisa de mestrado, intitulada *Práticas sociais e matemáticas na aldeia Muã Mimatxi: 'afinando o olhar' a partir do diário de Txahá durante a pandemia - cânticos e teheys* (Braz Pataxoop, 2024).

Depois, ainda sob orientação de dona Liça, é adaptada e utilizada como metodologia de pesquisa de doutorado, na Universidade Federal de São Carlos (Ufscar), pesquisa essa intercultural que envolveu um pesquisador não indígena⁵ e 15 estudantes/pesquisadores(as) indígenas

⁴ Quando nos referimos ao Tehêy como metodologia usamos a inicial em maiúscula, diferenciando do tehêy como desenho, que é o produto da metodologia, para o qual usamos a inicial em letra minúscula. Também usamos tehêy para o método de pesca Pataxó.

⁵ Também coautor do presente artigo.

de nove povos diferentes, incluindo duas Pataxó, uma das quais coautora deste artigo e agora mestranda. Após isso, também na Ufscar, uma estudante indígena do povo Atikum, também coautora deste texto, no curso de educação especial, utilizou o Tehêy como metodologia para defesa de seu TCC.

Aqui, nos propomos a apresentar o Tehêy como metodologia indígena, abordando sua origem, seu desenvolvimento e uso educativo na escola Muã Mimatxi, sua adaptação para metodologia de pesquisa, realizada na Ufscar, indicando seus elementos constitutivos e esboçando um passo a passo para sua utilização em diversos contextos, com a criação de ficha de apoio para sua realização.

Fundamentação teórica: teheyá em busca de conhecimentos

Ao explicar como surgiu a ideia de criação do Tehêy como metodologia de ensino e de aprendizagem, que tem como base o desenho, dona Liça Pataxoop (Café com Esperança, 2022) faz uma reflexão sobre como o mundo foi primeiro desenhado por Yãmixoop, na beleza da natureza, nas árvores, nos animais, no céu, no mar, nos seres humanos. Também o povo Pataxó aprendeu a desenhar o mundo e no mundo, tendo como tela a areia das praias, as rochas e os paredões. Para a educadora, o desenho é escrita, escrita do mundo, escrita da vida, escrita do conhecimento: “Vemos que a escrita que faço do meu ensino é um tehêy, um instrumento da pescaria, porque nele eu desenho tudo o que eu quero falar, apresentar e mostrar. Eu desenho tudo em uma folha, mas tem o nome de tehêy” (Braz Pataxoop, 2019, p. 8).

Sobre a origem do tehêy como prática ancestral das mulheres Pataxó e sua transformação em prática educativa, Txahá Braz Pataxoop (2018, p. 34) explica:

Figura 1: Dona Liça Pataxoop e um de seus tehêys

Fonte: Arquivo nosso.



O tehêy era um instrumento muito utilizado na aldeia para a prática da pescaria. Antigamente, as mulheres faziam uso dele nas atividades de pesca. Seu formato ovalado permitia com maior facilidade a captura dos peixes. Hoje em dia ele não é mais utilizado na prática da pescaria, porém, seu significado foi incorporado às práticas que acontecem na escola. Hoje o Tehêy não é apenas um pescador de peixes, mas um pescador de conhecimentos, e sua representação se dá em forma de desenhos.

Figura 2: Tehêy de pesca Pataxó

Fonte: Arquivo nosso.



Dona Liça relembra que a inspiração para utilizar a prática de pesca como pescaria de conhecimentos na escola se deu por Yãmixoop, em um “sonho acordada” (Café com Esperança, 2022), de forma que ela diz:

O Tehêy que uso na escola é um instrumento de pescaria de conhecimento. Ele pesca a cultura de nosso povo, coloco ali as coisas da nossa religião, o nosso modo de viver, nossas histórias de vida, o trabalho, as plantas, os animais, nossa ancestralidade. O Tehêy tem muitos saberes, é uma “escrita” que alimenta a criança; isso é diferente da outra escrita. Ele veio dos meus sonhos, depois que cheguei a Muã Mimatxi (Pataxoop, 2022, s.p.).



Podemos perceber nessa inspiração por sonho, vinda de uma divindade, a abrangência das epistemologias indígenas, que entendem os sonhos e seres não corpóreos como fontes de conhecimento, como ensina Ailton Krenak (1989, s.p.): “O sonho é o instante em que nós estamos conversando e ouvindo os nossos motivos, os nossos sábios, que não transitam aqui nesta realidade. E um instante de conhecimento que não coexiste com este tempo aqui”, estando relacionado à ancestralidade, vista como ligação entre passado, presente e futuro:

O que o meu tataravô e todos os nossos antigos puderam experimentar passa pelo sonho para a minha geração. Tenho o compromisso de manter o leite do sonho preservado para os meus netos. E os meus netos terão que fazer isso para as gerações futuras. Isso é a memória da criação do mundo. Então, não decifro sonhos. Eu recebo sonhos. O leite de um rio não decifra a água, ele recebe a água do rio (Krenak, 1989, s.p.).

Essa preocupação em preservar os conhecimentos e a cultura de seu povo, garantindo sua passagem para as novas gerações também está presente no desenvolvimento do Tehêy, como explica Salvino dos Santos Braz, Kanatyó Pataxóop, liderança da aldeia Muã Mimatxi: “o Tehêy liga as várias histórias da vida, ele liga um conhecimento a outro conhecimento, liga um valor a outro valor, liga um tempo a outro tempo, liga uma geração a outra geração o Tehêy ele é importante porque ele não deixa morrer a cultura e os conhecimentos ancestrais” (Braz Pataxóop, 2019, p. 9), que complementa:

Com o Tehêy trabalhamos valores de busca da sabedoria para alcançar melhoria e bem estar de vida podendo ter uma visão ampla da vida e do nosso mundo onde buscamos esses valores da ancestralidade com a nossa religiosidade, com as imagens que são desenhadas Tehêy são sagradas onde os valores guardam conhecimentos com força da vida da natureza e busca do saber do conhecimento que nos serve para vida e trazer tudo para o nosso centro de vida buscando alegria do brilho e da luz dos conhecimentos de tudo que fez parte da vida ancestral e da vida de hoje, assim vamos saber fazer a leitura das histórias das imagens e isso é muito importante, aprendendo a fazer a leitura da natureza e da vida sem estar escrito com letras e palavras (Braz Pataxóop, 2019, p. 32).

Essa metodologia de ensino Pataxó se relaciona ao antigo método de pesca desse povo “porque os tehêys de pescaria pegam vários tipos de peixe, e os Tehêys de pescaria de conhecimento são as imagens que cada conhecimento possui, e cada imagem é diferente uma da outra” (Braz Pataxóop, 2019, p. 9), de forma que seus fundamentos partem dessa prática tradicional da ancestralidade feminina, o que é muito significativo, pois sendo o Tehêy uma rede pequena, tecida com corda de tucum e cipó (Braz Pataxóop, 2019), utilizada por mulheres e crianças, já que os homens adultos utilizavam outros métodos, nos lembra da mudança de perspectiva, em que aquelas pessoas consideradas mais frágeis e fracas fisicamente são as que asseguram o sustento da comunidade, através de seus conhecimentos e trabalho coletivo e colaborativo, dividindo com todos(as) os seus frutos.

Na pescaria de conhecimento também se busca teheyá os saberes, muitas vezes desprezados ou desconsiderados, de anciãs, de crianças e de

famílias, alguns esquecidos e agora recuperados e compartilhados graças a essa metodologia que valoriza a memória e a oralidade na retomada da cultura Pataxó, no seu registro pictórico e difusão por meio de narrativas. O aspecto da produção coletiva é outro elemento emprestado da prática de pesca, assim como o compartilhamento dos conhecimentos pescados com toda a comunidade.

Na pesca com tehêy, após teheyá a água, as pescadoras sentam-se em grupo na margem do rio e selecionam quais peixes estão adequados para se tornar alimento de sua comunidade. Elas possuem os conhecimentos necessários para essa seleção, sobre tamanho, tipos de peixe, época certa para pescá-los e quantidade necessária. O restante é devolvido ao rio. Também são retiradas pedras, plantas e sujeira que porventura fiquem presas em sua trama (Aquino Pereira, 2022b).

Da mesma forma, na metodologia Tehêy, a seleção dos assuntos que vão ser desenhados é feita pelo(a) educador(a), em um processo cuidadoso que inclui seus próprios conhecimentos, mas que busca teheyá os saberes de outras pessoas da comunidade, especialmente as mais velhas, mas também as crianças e suas famílias, como explica Txahá Braz Pataxoop (2018, p. 34):

Os tehêy são produzidos por professores e alunos que compartilham, além de conhecimentos e saberes, os modos de ser, de estar e de sentir o mundo à sua volta. Na produção desses tehêy, são contempladas as atividades cotidianas das famílias em várias partes do dia e do tempo da natureza em que estão acontecendo.

Sobre essa ligação intrínseca entre conhecimento, vida cotidiana e cultura, Werymehe Braz Pataxoop (2019, p. 9), reflete que:

D. Liça deixa claro que seus tehêys representam não apenas o conhecimento, mas a cultura e os modos de vida do Povo Pataxoop, e são as imagens e as narrativas que figuram em cada um, 'ajuntados' por Yãmixoop, que os diferenciam de outros povos. Kanaty completa, com uma visão mais pedagógica: "O Tehêy de pescaria de conhecimento é uma prática pedagógica da escola da minha aldeia. Ele é um livro, onde o professor registra toda sua pesca de conhecimento que ele pescou durante a vida cultural, ele é um livro vivo que guarda histórias vivas (...) que viram conhecimento".

Nessa ligação inseparável entre conhecimento, vida e cultura presente na metodologia Tehêy, também se inclui mais um elemento, o entendimento do pertencimento do

ser humano à natureza e a busca por harmonia com todos os seres vivos corpóreos ou não, visão na qual a cultura:



Figura 3: Alguns tehêys de dona Liça Pataxoop

Fonte: Arquivo nosso.

...envolve todos os campos da vida como o jeito de viver em comunidade, as danças, as várias formas de entender os significados. A cultura é algo que está ligado ao mundo da ancestralidade, pois com a cultura nós formamos homens e mulheres, é muito importante a forma de ser, o jeito de entender o mundo, de entender a mata, os animais, as plantas, os cantos, a dança, o jeito de fazer um artesanato, o jeito de alimentar, o jeito de trabalhar, o jeito de cantar. Tudo isso é uma forma de cultura.

A cultura carrega vários valores que são importantes e fundamentais para a formação do ser humano, como a forma de fazer suas trocas dentro de uma comunidade, uma troca de vida com as plantas, com os animais, com a natureza, com a terra, a forma de interagir em um espaço, o modo de viver em um lugar. Isso é fundamental para o homem viver em equilíbrio com o respeito e também com o entendimento de vida (Braz Pataxoop, 2018, p. 29-30).

Essa visão não dicotômica a respeito de ser humano e natureza dialoga com as perspectivas do bem-viver, presente entre diversos povos indígenas, que buscam um relacionamento mais harmonioso, respeitoso e equilibrado com os demais seres vivos e a Terra-mãe (Macas, 2010; Choquehuanca, 2010; Kambeba, 2020; Krenak, 2020), apresentando-se como alternativas para a lógica e a organização social não indígenas (Aquino Pereira et al., 2023) que conduziram o planeta ao Antropoceno (Crutzen, 2006) e, como consequência, à crise climática – cujos efeitos

temos cada vez mais sofrido e percebido -, que ameaçam a sustentabilidade da vida terrestre.

Os tehêys, ao incorporar em seus desenhos, em interações harmônicas, os seres humanos, a vida comunitária e cultural, as relações respeitadas com os demais seres vivos físicos e espirituais e com a Mãe-terra, transmitem essa perspectiva de que tudo é natureza, como nos alerta o primeiro indígena imortal da Academia Brasileira de Letras, Ailton Krenak (2019, p. 10):

fomos nos alienando desse organismo de que somos parte, a Terra, e passamos a pensar que ele é uma coisa e nós, outra: a Terra e a humanidade. Eu não percebo onde tem alguma coisa que não seja natureza. Tudo é natureza. O cosmos é natureza. Tudo em que eu consigo pensar é natureza.

Essas interações harmônicas, ensinadas pelos tehêys às crianças da escola indígena Muã Mimatxi, partem das relações ancestrais das vivências do povo Pataxó, que são marcadas por suas crenças, seus rituais e festividades, como destaca Txahá em seu TCC, como a Colheita da Juerana; os Jogos Familiares, o Ritual de Agradecimento, o Ritual das Águas e de suas práticas cotidianas, dos quais se extraem os valores a ser ensinados e aprendidos, como no caso das aulas de matemática, em que o agrupar, o emprestar, o trocar, o juntar, o dar, o distribuir e o ganhar, que fazem parte de suas práticas solidárias em seu cotidiano, são desenhados nos tehêys e utilizados nas aulas “de maneira que os alunos possam ter o entendimento das ideias matemáticas a partir de situações e explicações do cotidiano da aldeia” (Braz Pataxoop, 2018, p. 35).

Finalmente, o aspecto artístico compõe o Tehêy, sendo uma manifestação da estética indígena do povo Pataxó, caracterizada por desenhos bastante coloridos, com o uso de muitas cores diferente e em especial as vibrantes, buscando nesse elemento expressar a harmonia e mimetizar a beleza da natureza, obra de Yãmixoop e, portanto, sagrada, tornando-se, assim, “Desenhos-narrativas, que contam histórias em cada imagem. As crianças aprendem a ler com as imagens e conhecer os valores da vida e da natureza que fazem parte e fortalecem a nossa

cultura, o nosso território, a nossa saúde e a vida do nosso povo de Muã Mimatxi (Braz Pataxó, 2018, p. 7).

Normalmente os tehêys são desenhados em folhas de papel branco, em tamanho que permita ser colocado no colo para ser apresentado, de forma que o(a) educador(a) vai apontando para cada parte do tehêy e contando os conhecimentos ali desenhados, em uma narrativa acessível às crianças e que permita o diálogo e a sua participação, incentivando que elas também produzam os seus tehêys e os apresentem.

Assim, entendemos essa estética dos povos indígenas, presente no Tehêy, como estética da vida (Dussel, 2019), na qual a beleza se manifesta na vida e em tudo ligado a ela e na sua valorização, interpelando a necroestética (Dussel, 2019) das sociedades não indígenas, que despreza a vida em nome de sua paixão pela mercadoria, tornando-se assim povo da mercadoria, como reflete Davi Kopenawa, ao defender o valor da vida como infinitamente superior ao do dinheiro e das mercadorias:

o valor de nossa floresta é muito alto e muito pesado. Todas as mercadorias dos brancos jamais serão suficientes em troca de todas as suas árvores, frutos, animais e peixes. As peles de papel de seu dinheiro nunca bastarão para compensar o valor de suas árvores queimadas, de seu solo ressequido e de suas águas emporcalhadas. Nada disso jamais poderá ressarcir o valor dos jacarés mortos e dos queixadas desaparecidos. Os rios são caros demais e nada pode pagar o valor dos animais de caça. Tudo o que cresce e se desloca na floresta ou sob as águas e também todos os xapiri e os humanos têm um valor importante demais para todas as mercadorias e o dinheiro dos brancos. Nada é forte o bastante para poder restituir o valor da floresta doente. Nenhuma mercadoria poderá comprar todos os Yanomami devorados pelas fumaças de epidemia. Nenhum dinheiro poderá devolver aos espíritos o valor de seus pais mortos! (Kopenawa, Albert, 2015, p. 355).

O uso de desenhos como forma de escrita, registro e comunicação entre as pessoas e com o mundo espiritual está presente entre os povos indígenas há milênios, como atestado pelas pinturas rupestres (Pessis, Guidon, 2000), pintura decorativa em objetos por eles produzidos e na pintura corporal, com destaque para os grafismos, forte traço de herança cultural e identidade social (Vidal, 2000).

Assim como ocorre com o Tehêy, o uso de desenho, em suas diversas formas e por diferentes meios, como metodologia de ensino e aprendizagem por indígenas, remete ao seu uso ancestral em suas práticas cotidianas, o que faz com que seja um elemento presente entre diversos povos indígenas. Um exemplo disso é apresentado pela educadora do povo Guarani, Sandra Benites Guarani-Nhandewa (2018, p. 37):

Comecei a planejar minhas aulas sobre o conceito de *amba*.⁶ Conversamos muito e fizemos pesquisas com os pais sobre este termo guarani para aqueles que não sabem suas origens e seu significado. Nessas aulas, em nenhum momento falamos em português, eu via o quanto os olhos deles brilhavam e os esforços deles para falar sobre seu si, porque o nome não é apenas um nome comum. Eles apresentaram e descreveram *amba* através das imagens que eles fizeram, desenhos, como se fossem histórias em quadrinhos. No final do trabalho fiquei emocionada com eles.

É preciso destacar, entretanto, que, apesar de algumas similaridades, as metodologias indígenas que usam desenho apresentam características distintivas e especificidades que as diferenciam e definem, tornando cada uma única e parte da identidade e cultura do povo que a criou e utiliza, devendo-se evitar comparações entre elas ou com metodologias não indígenas. Assim, torna-se fundamental seu estudo criterioso e rigoroso junto às fontes quando se busca aplicá-la em outro contexto que não seja o original, mantendo-se sempre elevado cuidado ético no entendimento e no reconhecimento das contribuições dos conhecimentos indígenas e coerência em relação ao posicionamento sobre a causa indígena e sobre suas lutas e demandas.

Uma delas tem sido a abertura de espaço para que os(as) indígenas se tornem eles(as) mesmos(as) pesquisadores(as), de forma que os seus conhecimentos possam ser registrados por suas visões e formas de expressão, sob suas perspectivas e ao encontro de suas necessidades e interesses, como reflete a pesquisadora indígena do povo Maori, Linda Tuhiwai Smith (2018, p. 221):

⁶ Mundo espiritual para o povo Guarani.

Engajar-se na discussão a respeito da pesquisa como questão indígena tem significado encontrar uma voz ou um modo de expressar nossas preocupações, medos, desejos, aspirações, necessidades e perguntas no que diz respeito à pesquisa. Quando os povos indígenas se tornam pesquisadores e não meramente os pesquisados, a atividade de pesquisa é transformada.

Tehêyando a pesquisa

Diante do exposto, apresentamos alguns resultados de nossos estudos, reflexões e da utilização do Tehêy por parte do autor e das autoras. Organizamos esta seção em duas partes, sendo a primeira dedicada ao Tehêy como metodologia educativa, na qual descrevemos seus elementos, e a segunda voltada para o Tehêy como metodologia de pesquisa, em que sistematizamos nossas experiências, propondo duas formas diferentes de organização, uma em diálogo com os padrões de pesquisa acadêmica hegemônicos e outra interpelante a essa realidade. Em todos os casos nosso objetivo é propor caminhos e fundamentos para sua utilização por outros(as) educadores(as) e pesquisadores(as), ao mesmo tempo difundindo e promovendo a valorização dos conhecimentos Pataxó fora de suas comunidades e visando a que seu uso permita que indígenas de outros povos e não indígenas se beneficiem, agregando essa metodologia tão significativa a seus saberes e fazeres.

Como metodologia educativa, o Tehêy parte do desenho de conhecimentos, valores e práticas que se quer ensinar, com sua posterior apresentação de forma narrativa, com diálogo e a produção de novos desenhos ou atividades a ele relacionadas. Assim, podemos esboçar o seguinte passo a passo para sua realização:

- 1) definir qual(is) assunto(s) se quer ensinar (notando que esses assuntos precisam ser significativos para a comunidade em que se inserem os(as) aprendentes ou se não forem, que sejam então relacionados ou contextualizados a temas significativos);
- 2) o(a) educador(a) busca em sua memória o que sabe sobre o assunto, conversa com outras pessoas que saibam sobre o tema (em que se priorize a memória pessoal, incluindo o sonho e a

inspiração e o diálogo com outras pessoas em um primeiro momento, como é feito originalmente por dona Liça; pode-se realizar a seguir busca em meios diversos, físicos ou eletrônicos, para se aprofundar sobre a temática);

3) realizam-se os desenhos em uma folha em tamanho que permita ser segurada e apresentada. (É importante pensar na apresentação na hora de desenhar, colocando no tehêy tudo aquilo que se quer ensinar, pois cada elemento será depois apontado e contado e/ou explicado durante a apresentação. Pode-se criar uma sequência que auxilie na apresentação. Os desenhos devem ser bem coloridos, em fidelidade à estética dos povos indígenas e toda a extensão do papel deve estar desenhada e pintada. Também é indicado que se pense no público a que se destina, com desenhos, locais e situações facilmente reconhecíveis. A presença da natureza, de animais e pessoas, bem como do local em que vivem e interagem, com cenas do cotidiano é tradicional nos tehêys de dona Liça);

4) é feita a narrativa do tehêy, de preferência em posição sentada com ele ao colo, contando-se a história que ele registra, apontando-se para cada elemento conforme se vai falando sobre ele. (É interessante valorizar o diálogo e a participação de quem está aprendendo, especialmente quando forem crianças, que nesse momento aprendem e ensinam, trazendo seus conhecimentos que complementam o tehêy. Estarem todos(as) sentados(as) em posição confortável e próxima ao tehêy é fundamental. Uma forma tradicional, que pode se mostrar mais adequada é sentar-se em círculo, se possível no chão);

5) após a apresentação, o tehêy pode ser passado de mão em mão e/ou ficar exposto de forma que todos(as) possam vê-lo e propõe-se que cada um(a) produza o seu próprio tehêy sobre a mesma temática e o apresente. (Essa parte da atividade pode ser feita imediatamente após a apresentação principal ou indicada para ser feita em casa com a ajuda da família e apresentada no

próximo encontro. Também pode-se pedir que busquem informação em casa ou por outros meios e que o *tehêy* seja desenhado e apresentado posteriormente. Ele pode ser feito e apresentado individualmente ou em grupo, de acordo com as circunstâncias, objetivos ou necessidades);

6) como finalização da atividade, é desenvolvida conversa que dialogue a respeito do que foi apresentado e aprendido sobre o assunto e suas aplicações práticas por parte de cada um(a) em sua vida.

Essa nossa sistematização é uma das possibilidades para o uso do *Tehêy*, buscando ser o mais aproximado possível das orientações dadas por dona Liça Pataxoop na entrevista que nos concedeu sobre sua prática e nas informações presentes nos TCCs de Txahá Pataxó e Werymehe Pataxoop. Existem variações na própria escola indígena Muã Mimatxi, de acordo com o(a) educador(a) que está utilizando a metodologia e sua disciplina ou finalidade. Na comunidade, em alguns momentos são feitos *tehêys* coletivos, que envolvem as crianças e as famílias.

Ao aplicar o *Tehêy* fora do seu contexto original, podem ser feitas adaptações, mas sempre com o cuidado e o discernimento para não o descaracterizar como metodologia educativa singular do povo Pataxó. Para isso, entendemos ser elementos fundamentais que não podem ser excluídos ou modificados:

a) que alguma etapa do *Tehêy* seja construída coletivamente, em especial a busca pelos conhecimentos que vão ser desenhados (a pescaria) e a apresentação (o *teheyá*);

b) a realização do desenho do *tehêy* seguindo a estética Pataxó, de forma bem colorida; que cada desenho tenha um significado; que não se utilizem palavras; valorize-se a natureza e a comunidade e suas interações de forma inteligível ao público a que se destina;

c) que exista o momento da apresentação de forma narrativa, valorizando a oralidade indígena; que se aponte para os desenhos conforme for contando; que todos(as) estejam

acomodados(as) de forma confortável, de preferência sentados(as) e possam visualizar o *tehêy*; que o clima entre os(as) participantes seja agradável, solidário, respeitoso e dialógico; necessário o incentivo à participação de todos(as);

d) que o *tehêy* principal gere aprendizagens e impacte a transformação das práticas, sendo desejável que a partir dele outras produções sejam realizadas;

e) que seja explicado o que é o *Tehêy* antes de iniciar a atividade, a sua origem, a sua relação com a pesca ancestral das mulheres Pataxó e seus objetivos; seja reconhecido como metodologia indígena de dona Liça Pataxoop e da comunidade de Muã Mimatxi.

Tendo em mente a fidelidade ao que foi apresentado, realizamos a adaptação do *Tehêy* como metodologia de pesquisa. O primeiro momento em que fizemos isso ocorreu na pesquisa de doutorado da qual participaram o autor não indígena e uma das autoras indígenas, juntamente com outros(as) 14 estudantes/pesquisadores(as) indígenas. Para tanto, também partimos das orientações de dona Liça Pataxoop e do material produzido por suas filhas Txahá e Werymehe, debatendo, refletindo e buscando caminhos. Após colocar em prática as nossas ideias e fazer algumas alterações e adequações, chegamos à seguinte configuração, que transcrevemos da tese de doutorado, sendo similar ao passo a passo do *Tehêy* educativo, com algumas diferenças:

Disso, pensamos em quais seriam os passos gerais para quem quer realizar o *Tehêy* em outras situações e chegamos à seguinte configuração, que pode ser para confecção coletiva ou individual:

- 1) Definir o tema;
- 2) Fazer uma pesquisa sobre essa temática, usando os próprios conhecimentos, o diálogo com pessoas que saibam sobre o assunto, uso de materiais bibliográficos e tecnologias de informação, pesquisa de campo, entre outras possibilidades de acordo com os objetivos e a realidade;
- 3) Definição do que entrará no *tehêy*, o que será desenhado e por quem e em que parte da folha;
- 4) Realização dos desenhos e da pintura, atentando para a estética bem colorida;
- 5) Apresentação oral do *tehêy*, utilizando os desenhos para dialogar sobre o tema, mostrando os desenhos e contando

as histórias, falando sobre seus significados, compartilhando os conhecimentos ali presentes.

6) Propor a criação de novos *tehêy* ou a produção de outras obras com base nesse (Aquino Pereira et al., 2022a, p. 78-79).

Após isso, a outra coautora indígena deste texto, que não participou da pesquisa de doutorado, utilizou o Tehêy para defesa de seu TCC, o que permitiu aplicar mais uma vez nossa sistematização. Também, em um encontro do grupo de pesquisa com estudantes indígenas Núcleo de Ação Libertadora Decolonial e Estudos de Indigeneza Abiyala (Naldeia), estudamos e debatemos sobre essa metodologia. Diante disso, sentimos a necessidade de criar um material de apoio para o uso do Tehêy na pesquisa acadêmica – assim, tendo como base nossas reflexões, criamos uma ficha de apoio.

O preenchimento dessa ficha é facultativo, sendo etapa anterior ao desenho do tehêy, podendo ser usada para facilitar a organização das ideias e a definição de quem fará o quê. Pode também ser realizada oralmente e nunca devendo substituir a confecção do tehêy desenhado e pintado. Em nossa vivência usando a metodologia do Tehêy, percebemos que alguns grupos tiveram mais facilidade usando a ficha, especialmente na primeira vez em que o tehêy é feito pelos(as) participantes, enquanto nos grupos em que pelo menos uma das pessoas já havia utilizado essa metodologia essa etapa de organização foi oral.



Figura 4: Momentos da confecção do tehêy da tese citada

Fonte: Arquivo nosso.



Figura 5: Encontro do grupo de pesquisa Naldeia sobre o Tehêy

Fonte: Arquivo nosso.

O uso do Tehêy em si se faz como interpelação, resistência e libertação diante das perspectivas da ciência ocidental e do positivismo, tendências hegemônicas no meio acadêmico, de forma a se ter nessa metodologia indígena a base para transgredir padrões eurocêntricos enraizados em pesquisas que se localizam no sul global epistêmico. Partindo do Tehêy e de seus princípios provenientes das epistemologias, filosofias e ciências dos povos indígenas, apresentar outra forma de fazer pesquisa, que seja mais coerente com o pesquisar a partir de Abiyala.

Isso não impede que essa metodologia indígena dialogue com metodologias e ciências não indígenas. Ao utilizar o Tehêy como metodologia de pesquisa percebemos que, assim como ele pesca conhecimentos, pode também pescar outras metodologias e métodos para ser utilizados em conjunto com ele; de forma que pesquisa bibliográfica, pesquisa participante, pesquisa qualitativa, pesquisa fenomenológica, entrevistas, rodas de conversa, observação participante, entre outras, são passíveis de integração com o Tehêy. Mais uma vez destacamos que a coerência deve ser o critério para inclusão ou exclusão de elementos que nele entrarão.

Ficha de apoio para confecção de tehêy	
Tema Geral do Tehêy	
Participantes da confecção	
Público ao qual se destina	
Ideias, conceitos e situações que entrarão no Tehêy	Pessoa responsável pelo desenho dessa parte
1-	
2-	
3-	
4-	
5-	

Figura 6: Ficha de apoio para utilização do Tehêy em outros contextos

Fonte: Arquivo nosso.



Figura 7: Apresentação de Tehêy em TCC de estudante indígena na Ufscar

Fonte: Arquivo nosso.

Um exemplo desse diálogo intercultural, sob uma abordagem pluriépistêmica, é quando a utilização do Tehê se dá dentro



de uma pesquisa acadêmica de conclusão de curso, mestrado ou doutorado, que possua estrutura específica a ser seguida na escrita do texto e no momento da defesa, podendo-se, nesse caso, pautar a organização do tehê na estrutura a ser utilizada, desenhando-se cada elemento, como por exemplo: introdução, questão de pesquisa, objetivos, fundamentação teórica, resultados, considerações. Na defesa, aponta-se para esses desenhos, apresentando e explicando de acordo com a sequência definida.



Figura 8: Tehês da pesquisa de doutorado (esquerda) e do TCC (direita)

Fonte: Arquivo nosso.

Indicamos que, ao utilizar o Tehê como metodologia de pesquisa, caso seja produzido a partir dele um texto como



dissertação, tese ou artigo, se registre a sua fundamentação teórico-metodológica de forma bastante detalhada, englobando a epistemologia indígena do povo Pataxó que o sustenta, se explicita o passo a passo utilizado e se possível incluam-se fotos da sua realização. Sugerimos que nas considerações finais seja apresentada uma foto do tehê completo e escrita a explicação de cada elemento nele presente com as respectivas fotos das partes correspondentes.



Figura 9: Tehê sendo usado como metodologia em aula do Programa de Pós-graduação em Educação na Ufscar (esquerda) e em oficina com educadores(as) da Unidade de Apoio à Criança (UAC/ Ufscar) (direita)

Fonte: Arquivo nosso.

Assim, para pesquisas que sigam a abordagem intercultural tendo como base elementos usuais na pesquisa acadêmica ocidental, apresentamos uma sugestão de desenho de pesquisa utilizando o Tehêy:

- 1) estudo/apresentação sobre o que é o Tehêy e seus elementos para participantes da pesquisa que irão desenvolver o tehêy;
- 2) delimitação do tema e escopo da pesquisa;
- 3) definição de metodologias e métodos auxiliares a ser usados, caso existam;
- 4) levantamento bibliográfico, definição de problemática, questão e objetivos da pesquisa;
- 5) coleta e análise dos dados de forma coletiva e dialógica;
- 6) seleção do que vai entrar no tehêy e quem vai desenhar cada parte e onde será desenhado (pode-se usar a ficha de apoio apresentada);
- 7) criação do tehêy, com realização dos desenhos e da pintura;
- 8) apresentação do tehêy, incluindo inicialmente uma explicação sobre o que é o Tehêy e os seus elementos para a assistência, passando em seguida à apresentação do tehêy em si, apontando para cada desenho e narrando seu significado.

Para essa forma valem todos os cuidados e orientações já apresentados, evitando descaracterizar sua essência de metodologia indígena, que se caracteriza como uma pescaria de conhecimentos, de caráter educativo, coletivo, solidário e dialógico, que se fundamenta na ancestralidade e espiritualidade das mulheres do povo Pataxó.

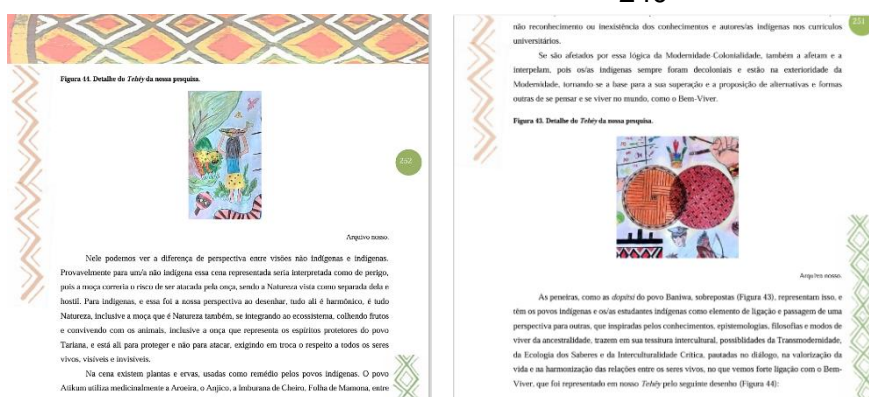


Figura 10: Trechos das considerações da tese citada como exemplo

Fonte: Arquivo nosso.

Considerações sobre nossa pescaria

Tendo como base nossa entrevista com dona Liça Pataxó e as produções acadêmicas de Txahá e Werymehe, podemos definir o Tehêy como uma metodologia educativa do povo Pataxó, inspirada na prática de pesca de mulheres e crianças, que utiliza o desenho como forma de registrar e apresentar conhecimentos, como uma pescaria de conhecimentos, como um desenho-narrativa, que valoriza a oralidade, o diálogo e a coletividade, para a lembrança, o compartilhamento e a construção de saberes, valores e práticas.

A partir desses tehêy e de todas as publicações que desenvolvam a metodologia do Tehêy, somos apresentados a práticas educacionais que acompanham a vivência dos povos indígenas e da experiência no território e em comunidade; para nós, estudantes indígenas acadêmicos, é importante o uso do Tehêy para o ensino e aprendizado com os não indígenas, pois o conhecimento e a educação estão em todos os lugares, e um dos papéis importantes da presença dos povos indígenas nas universidades é a troca de conhecimentos com os não indígenas. E essa ciência torna disponível uma formação profunda da cosmovisão de como nós devemos estar no mundo e nos relacionar com o todo.

Ao ser utilizado em contextos diversos ao da comunidade Pataxó, o Tehêy mostra-se como possibilidade de ampliação do universo das metodologias de pesquisa disponíveis para o ambiente acadêmico, enriquecendo-o e trazendo alternativas metodológicas e epistemológicas para se pensar e se fazer pesquisa, pautadas em conhecimentos ancestrais e em outra lógica de entendimento da relação humana com os demais seres vivos e com o planeta.

Neste artigo, além de fundamentação sobre o seu significado e descrição de seus elementos, buscamos apresentar, por meio de nossas experiências com sua utilização, sugestões de adaptação para seu uso educativo em ambientes que não sejam o seu original e como metodologia de pesquisa acadêmica sob uma abordagem intercultural. Esperamos com isso auxiliar em sua difusão e aplicação por

educadores(as) e pesquisadores(as), indígenas ou não, como pescaria de conhecimentos significativamente construída e rigorosamente fundamentada.

Percebemos como desafios para a utilização dessa metodologia indígena fora de seu ambiente original e como metodologia de pesquisa que não se perca a sua essência de desenho-narrativa, inspirado na cosmologia e na prática de pesca das mulheres do povo Pataxó, nem seja abandonado seu aspecto de oralidade e seu caráter coletivo e educativo, independente das adaptações, adequações e recursos que se usem, de acordo com a necessidade ou circunstância em que for empregado.

Vemos que, para os povos indígenas, a inclusão de suas metodologias em contextos acadêmicos é um reconhecimento de sua sabedoria e de suas práticas ancestrais, uma reafirmação por parte do meio científico não indígena de que seus conhecimentos são válidos e merecem ser compartilhados em plataformas que historicamente têm sido dominadas por paradigmas ocidentais.

Isso não apenas valida a importância de suas tradições fora das comunidades indígenas, mas também oferece oportunidades para que esses conhecimentos sejam preservados, estudados e aplicados de maneiras novas e inovadoras dentro e fora da universidade. O uso da metodologia Tehêy na abordagem intercultural torna-se um elo entre os conhecimentos tradicionais indígenas e os conhecimentos não indígenas, já que, pela construção do Tehêy, é possível vivenciar o momento em que fazemos essa relação de saberes, tornando uma só temática, rica em saberes de ambas as interfaces, produzindo pesquisas/trabalhos autênticos, éticos e dentro do rigor acadêmico.

O uso do Tehêy na universidade para os(as) estudantes indígenas está muito além de ser apenas uma metodologia; é também um ato de resistência, demarcação de território e retomada de espaço simbólico. Pensando especificamente na Ufscar, onde o Tehêy rompeu as barreiras da comunidade Pataxó e se tornou, em 15 anos de presença indígena nessa universidade, a primeira metodologia indígena a ser oficialmente usada em defesas, essa conquista consolidou-se como passo importante

para o debate sobre como as diversas formas de conhecimentos tradicionais indígenas podem impactar a promoção da decolonização da instituição universitária. Esse marco é um lembrete poderoso de que a educação é terreno onde diferentes culturas podem e devem dialogar.

Destacamos nesse sentido o papel da universidade, que deve ser o de apoiar e valorizar os conhecimentos indígenas em seus *campi* e currículos, levando em consideração a diversidade e a inclusão, incentivando que ações como essa sejam corriqueiras em seu ambiente, quebrando, metaforicamente, o muro entre os conhecimentos ancestrais e os conhecimentos científicos, permitindo que dialoguem e se complementam. Entendemos que o Tehêy e outras metodologias educativas indígenas devam se tornar uma disciplina oferecida na grade curricular do curso de pedagogia da Ufscar e de outras universidades comprometidas com uma educação transformadora.

Para a universidade, a adoção de uma metodologia indígena é um passo em direção à descolonização do conhecimento e à diversificação das abordagens pedagógicas. Isso desafia a condição atual do que é válido no currículo da universidade, e abre as portas para uma educação mais ampla, integral e holística. A UFSCar, ao abraçar o Tehêy como metodologia, se posiciona na vanguarda de uma mudança educacional que reconhece e integra múltiplas formas de saber, aos poucos se transformando em um ambiente inclusivo não apenas em seu discurso, mas também no dia a dia, em seus atos, e em suas múltiplas formas de valorizar e reconhecer a diversidade em suas várias perspectivas.

Também entendemos ser justa e necessária a concessão do título de Doutora Honoris Causa pela Ufscar a dona Liça Pataxoop, como reconhecimento oficial e definitivo das contribuições de seu Tehêy para a ampliação do campo metodológico, o desenvolvimento de aprendizagens interculturais e a construção de novos conhecimentos, o que se justifica pelo seu uso por estudantes indígenas e não indígenas nos níveis da graduação e pós-graduação.

Finalmente, nossas reflexões convidam a contemplar os tehêys de dona Liça e os tehêys que de sua inspiração derivam, e, como numa

pescaria, lançar nossas redes ao mundo para nos reconectar com o organismo vivo que é a Terra-mãe, percebendo em seu colorido e beleza a escrita nos desenhos feitos nas folhas de papel e na natureza, nas rochas, nos rios, na infinidade de seres vivos, que nos ensinam, assim como os povos indígenas, impulsionados pela ancestralidade, a olhar para o futuro, construindo outras relações, que tenham na beleza da vida o seu maior bem.

Referências

- AQUINO PEREIRA, Marcos José de et al. Visões e vivências do bem-viver para estudantes indígenas dos povos Atikum, Baniwa, Dessano, Pankararu e Wassu-Cocal. *Revista Novos Olhares Sociais*, v. 6, n. 2, p. 10-48, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufrb.edu.br/index.php/novos-olhares-sociais/article/view/4734/2462>. Acesso em 10 mar. 2024.
- AQUINO PEREIRA, Marcos José de et al. *Processos educativos do Centro de Culturas Indígenas: indíagem, acolhimento, desafio e conquista na Universidade Federal de São Carlos*. Tese (Doutorado em educação), Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2022a.
- AQUINO PEREIRA, Marcos José de. Se todos(as) somos filósofos(as) por que estudar filosofia? E se não somos, para que estudá-la então?. *Motricidades: Revista da Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana*, São Carlos, v. 6, n. 2, p. 140-151, 2022b. Disponível em: <https://www.motricidades.org/journal/index.php/journal/article/view/2594-6463-2022-v6-n2-p140-151>. Acesso em 10 abr. 2024.
- AQUINO PEREIRA, Marcos José de. Educação escolar diferenciada indígena: análise das publicações científicas entre 2012 e 2018. *Arquivos Analíticos de Políticas Educativas*, Arizona, v. 28, n. 71, p. 1-25, maio 2020, Dossiê Educação e Povos Indígenas – Identidades em Construção e Reconstrução. Disponível em: <https://epaa.asu.edu/index.php/epaa/article/view/4779/2436>. Acesso em 10 de mar. 2024.
- BENITES GUARANI-NHANDEWA, Sandra. *Viver na língua Guarani Nhandewa (Mulher falando)*. Dissertação (Mestrado

em antropologia social), Museu Nacional, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2018.

BRAZ PATAXOOP, Txahá Alves. *Práticas sociais e matemáticas na aldeia Muã Mimatxi: “afinando o olhar” a partir do diário de Txahá durante a pandemia – cânticos e teheys*. Dissertação (Mestrado em educação), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2024.

BRAZ PATAXOOP, Txahá Alves. O saber matemático nas vivências cotidianas da aldeia Muã Mimatxi. Trabalho de Conclusão de Curso (Formação Intercultural para Educadores Indígenas habilitação em Matemática), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2018.

BRAZ PATAXOOP, Werymehe Alves. *Tehêy de pescaria de conhecimento*. Percurso Acadêmico (Formação Intercultural para Educadores Indígenas habilitação em Ciências da Vida e da Natureza), Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2019.

CAFÉ COM ESPERANÇA: *Tehêy*. Entrevista com Dona Liça Pataxoop. Entrevistadores: Marcos José de Aquino Pereira e Jocimara Alves Braz Pataxó. Locução de: Thales Alves Robson Amaral da Silva. Sociedade de Pesquisa Qualitativa em Motricidade Humana. Spotify. 10 set 2022. Podcast. Disponível em:
https://open.spotify.com/episode/4LJAmQF4CLqQfM4K9nnEzr?si=ct4p_CTxRkClqyAMIT_yrg&utm_source=whatsapp. Acesso em 10 set. 2022.

CHOQUEHUANCA, David. Hacia la reconstrucción del vivir bien. *América Latina en Movimiento*, n. 452, p. 6-13, 2010.

CRUTZEN, Paul. The Anthropocene. In: EHLERS, Eckart; KRAFFT, Thomas (orgs.). *Earth system science in the Anthropocene*. Berlin:Springer 2006, p. 13-18.

DUSSEL, Enrique. Sete hipóteses para uma estética da libertação. *Revista Filosofazer*. Passo Fundo, n. 52, p. 3-39, jul.-dez. 2019.

DUSSEL, Enrique. Transmodernidade e interculturalidade: interpretação a partir da filosofia da libertação. *Sociedade e Estado*, Brasília, v. 31, n. 1, p. 51-73, abril 2016. Disponível em:
http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69922016000100051&lng=en&nrm=iso. Acesso em 5 mar. 2024.

- GALEANO, Eduardo. La naturaleza no es muda. *Seminario Brecha*. Montevideo, 18 abr. 2008. Disponível em: https://conferre.cl/wp-content/uploads/2015/04/La_naturaleza_no_es_muda.pdf. Acesso em 12 fev. 2024.
- KAMBEBA, Márcia Wayna. O bem-viver é a Amazônia. [on-line], Recanto das Letras, 2020. Disponível em: <https://recantodasletras.com.br/artigos-de-cultura/7044589>. Acesso em 2 ago. 2023.
- KOPENAWA, Davi; ALBERT, Bruce. *A queda do céu: palavras de um xamã yanomami*. São Paulo: Companhia das Letras, 2015.
- KRENAK, Ailton. *Caminhos para a cultura do bem-viver*. [on-line], 2020. Disponível em: http://www.culturadobemviver.org/pdf/Caminhos_para_a_cultura_do_Bem_Viver_Ailton_Krenak.pdf. Acesso em: 20 jul. 2023.
- KRENAK, Ailton. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.
- KRENAK, Ailton. Receber sonhos. [Entrevista concedida a] Alipio Freire e Eugênio Bucci. *Teoria e Debate*, 06 jul. 1989. Disponível em: <https://teoriaedebate.org.br/1989/07/06/ailton-krenak-receber-sonhos/>. Acesso em 10 mar. 2024.
- MACAS, Luis. El sumak kawsay. *Revista Yachaykuna*, Quito, n. 13, p. 13-39, jun. 2010.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. In: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSGUÉL, Ramón (orgs.). *El giro decolonial. Reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global*. Bogotá: Universidad Javeriana-Instituto Pensar/Universidad Central-IESCO/Siglo del Hombre Editores, 2007, p. 127-167.
- MIGNOLO, Walter. Colonialidade: o lado mais escuro da modernidade. *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, São Paulo, v. 32, n. 94, s. p., 2017.
- PATAXOOP, Dona Liça. Minha escrita é o tehêy, resistência e memória da nossa história. [Entrevista concedida a Maria Ligia Pagenotto]. *Itaú Social*, 30 maio 2022.

PESSIS, Anne-Marie; GUIDON, Niède. Registros rupestres e caracterização das etnias pré-históricas. In: VIDAL, Lux (org.). *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética*. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp/Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

SCHAVELZON, Salvador. Apresentação: Cosmopolítica dos Andes e dos seres-terra. *Maloca Revista de Estudos Indígenas*, Campinas, v. 2, p. 1-3, 2019.

SMITH, Linda Tuhiwai. *Descolonizando metodologias: pesquisa e povos indígenas*. Curitiba: Ed. UFPR, 2018.

VIDAL, Lux (org.). *Grafismo indígena: estudos de antropologia estética*. 2 ed. São Paulo: Studio Nobel/Fapesp/ Editora da Universidade de São Paulo, 2000.

Recebido em: 20 de abril de 2024

Aceito em: 08 de julho de 2024